

## Mulher-feiticeira, o duplo e outros mitos em *Eu, Tituba, feiticeira... Negra de Salem*, de Maryse Condé

Doutoranda Lilian Cristina Corrêa<sup>1</sup>  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

### Resumo:

*A imagem da mulher como feiticeira parece estar presente há muito na história da humanidade, como se tal imagem representasse seu duplo: de conhecedora de segredos da natureza a entidade demoníaca, tal figura feminina sempre sofreu consequências por ser “diferente”, por ameaçar as esferas do ser, do poder e do saber e, acima de tudo, por intimidar ou questionar o ponto de vista religioso. O presente trabalho propõe apresentar tais questões através da personagem Tituba, protagonista do romance *Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salem*, de Maryse Condé, e suas relações não somente com a imagem da feiticeira, mas também com suas possíveis releituras intertextuais com figuras mitológicas.*

**Palavras-chave:** personagem; mulher; duplo; mito

### Introdução

A imagem da feiticeira parece estar presente há muito na história da humanidade: de conhecedora de segredos da natureza a entidade demoníaca, a mulher vista como feiticeira sempre sofreu consequências por ser “diferente”, por ameaçar as esferas do ser, do poder e do saber e, acima de tudo, por intimidar ou questionar o ponto de vista religioso. Pode-se, contudo, sugerir um outro ponto de vista, complementar a tais questões, no que tange ao estudo de determinados momentos históricos que tiveram consequências críticas para o desenvolvimento da humanidade – aqueles que dizem respeito à existência da figura da bruxa ou feiticeira, como o questionamento apresentado acerca dessa figura e os problemas sociais e políticos veiculados a elas, as 'criaturas do além', em diversas esferas do conhecimento, como pode-se observar no artigo *Bruxas, da fogueira ao confinamento*, publicado na revista *História Viva* (2006):

A abordagem histórica das bruxas deve começar com a pergunta inescapável: elas existiram? A resposta é afirmativa, mas comporta uma ressalva. Sim, elas existiram, mas como construção social de uma época, como objeto catártico de uma sociedade dominada pela Igreja que demonizava o que soasse herético. [...] A repulsa e o temor à bruxaria tinham também um componente que hoje seria chamado de sexista. Havia bruxos, mas a perseguição visou mais às mulheres. Eram, sobretudo elas que morriam queimadas nas fogueiras da Inquisição medieval. Os tempos, no entanto mudaram, e o declínio do poder da Igreja, a partir do Iluminismo, correspondeu a penas mais brandas, como o isolamento das acusadas em hospícios. (p.32)

Nesse contexto, pretende-se, com o presente trabalho, apresentar a figura da mulher-feiticeira e os questionamentos que a cercam através da personagem Tituba, protagonista do romance *Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salem* (1986), de Maryse Condé, e suas relações não somente com a imagem da feiticeira, mas também com suas possíveis releituras intertextuais com figuras mitológicas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda Lilian Cristina Corrêa  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) / Centro de Comunicação e Letras  
[liliancorrea@uol.com.br](mailto:liliancorrea@uol.com.br)

É importante ressaltar que o romance de Condé constitui uma forma de reescrita e releitura da peça de Arthur Miller, *As Bruxas de Salem* (1953), como uma forma de 'preencher lacunas' deixadas pelo hipotexto e, ao mesmo tempo, apresentar novas alternativas, proporcionando uma nova possibilidade de compreensão, através de um novo ponto de vista, agora o da escrava, e também uma nova perspectiva, uma vez que a narrativa parte de uma estrutura pós-colonial. De forma geral, narrativas intertextuais apresentam-se em grande número na literatura contemporânea, de maneira especial advindas de países colonizados, cuja realidade histórica e social sempre merece ser retomada. É sob estas condições que se pretende apresentar as questões referentes à condição feminina, através da imagem da feiticeira, por intermédio da presença intertextual da personagem Tituba.

É evidente a retomada da temática abordada por Miller no romance da antilhana Maryse Condé, que relê a trama de *As bruxas de Salem* de forma mágica e, ao mesmo tempo instigante, não somente por retratar, sob outro ponto de vista, o período colonial americano e o episódio da caça às bruxas, mas por deixar como viés a possibilidade de outras interpretações, como a face dupla da imagem feminina representada por meio da personagem Tituba. Sua narrativa, escrita sob a forma de romance, traz a personagem Tituba, já relida por Miller, uma vez que a escrava efetivamente existiu no período colonial, e sua participação no episódio de Salem. Entretanto, Condé vai muito além disso, ao apresentar uma narrativa que subverte não somente a questão histórica, no que diz respeito à cronologia do texto de Miller, ao apresentar todos os eventos sob o ponto de vista da escrava, desde antes de sua chegada a Salem, até depois do episódio. Ao fazê-lo, Condé torna possível explorar toda uma gama de questões filosóficas, culturais e sociais, dentre elas: a questão de gênero, o papel materno, o feminismo, as similaridades entre as experiências de negros e judeus, a questão do amor, sexo, racismo, escravidão entre outros. Trata-se de uma obra de ficção e, em termos estritamente históricos, pouco se conhece sobre a vida da escrava Tituba, bem como há pouquíssimas informações acerca de sua participação no episódio histórico de Salem – nada além do fato de ter vindo de Barbados e confessar ser 'uma bruxa'. A obra é assim iniciada:

Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês na ponte do Christ the King, num dia de 16\*\*, quando o navio velejava rumo a Barbados. Foi dessa agressão que nasci. Desse ato de ódio e desprezo. (...) Minha mãe chorou por eu não ser menino. Achava que a sorte das mulheres era ainda mais dolorosa que a dos homens. Para se libertarem de sua condição, não tinham elas que passar pelas vontades daqueles mesmos, que as mantinham na servidão e dormir em suas camas? Yao, ao contrário, ficou contente. (...) Foi ele quem me deu meu nome: Tituba. Ti-Tu-Ba. Não é um nome ashanti. Sem dúvida, ao inventá-lo, Yao quis provar que eu era filha de sua vontade e de sua imaginação. Filha de seu amor. (CONDÉ, pp. 11-15)

Condé promove um encontro entre a Tituba de Miller e a sua nova Tituba, que relata a história de sua vida desde antes mesmo de seu nascimento até sua chegada à América, passando pelo episódio de Salem, sua condenação por ter confessado conjurar com o demônio e ter escrito em seu livro e, posteriormente, cria uma nova realidade, obviamente ficcional, para a escrava após a sua prisão. Em cada um desses momentos, é possível perceber, através da narrativa, as diferenças entre a Tituba de Miller, escrava sem voz, calada pela sociedade, que se aproveita do momento da confissão para dar voz às suas vontades e a Tituba de Condé, ainda escrava, mas com personalidade marcante, questionadora.

A Tituba do romance vai para a América para não ser separada do homem que escolheu como marido, John Índio, que é vendido ao Reverendo Samuel Parris antes de sua partida para a América. Ela abdica de sua própria liberdade, uma vez que não tinha donos, para poder ficar ao lado do homem que amava. Pressentia os perigos que a cercavam, mas mesmo assim, insistiu:

Eu sabia que perigos terríveis me ameaçavam, mas era incapaz de nomeá-los (...). Aquela noite soprou um ciclone.

(...)

John Índio balbuciou:

- Um novo proprietário, senhora!

- É. Um homem de Deus que cuidará da alma de vocês. É um ministro chamado Samuel Parris. Tentou fazer comércio aqui, mas seus negócios não andaram bem. Então vai para Boston.

- Para Boston, senhora?

- É, fica nas colônias da América. Preparem-se para acompanhá-lo.

John Índio estava perplexo. Pertencia a Susanna Endicott desde a infância. (...) estava convencido de que mais dia menos dia iria falar em sua libertação. Mas eis que, em vez disso, sem mais nem menos, lhe anunciava que o vendia. E a quem, Senhor? A um desconhecido que ia atravessar o mar para tentar a fortuna na América... Na América? Quem é que já tinha ido à América?

Quanto a mim, entendi o terrível projeto calculado por Susanna Endicott. Eu, somente eu era visada. Era eu que ela estava exilando nas Américas! (...) (CONDÉ, pp. 50-51)

Desde sua chegada ao continente americano, Tituba soube que sua vida ali nunca seria fácil. Ela descreve a chegada à colônia americana com a família Parris, seu contato com a esposa do Reverendo, sua filha e sobrinha e do carinho que nutria pela pequena Betty, filha de Parris. Revela que a família é transferida para a aldeia de Salem, mostrando que nem tudo parecia bem: “Desde o instante em que entrei em Salem senti que nunca seria feliz ali. Senti que minha vida aí conheceria provas terríveis, e que acontecimentos singularmente dolorosos embranqueceriam todos os cabelos da minha cabeça!” (CONDÉ, p. 81)

Quando as meninas da aldeia, entre elas Betty e Abigail, começam a demonstrar sinais de ‘histeria’, Tituba é acusada de feitiçaria, pois rondavam a aldeia boatos de que ela mexia com ervas e com os espíritos dos mortos. Ela, no entanto, fazia uso da sabedoria que lhe fora passada por seus ancestrais para curar doenças e confortar os que precisavam de auxílio. A personagem sente-se uma estranha para si mesma naquele ambiente e as acusações só vêm a corroborar com tal situação: “Havia, no entanto, uma coisa que eu ignorava: a maldade é um dom que se recebe ao nascer. Não se adquire.” (CONDÉ, p. 99)

Toda forma de defesa a seu favor era em vão, pois já a haviam condenado: “Você, fazer o bem? Você é negra, Tituba! Só pode fazer o mal. Você é o mal!” (CONDÉ, p. 104) Até que a escrava se decide por embarcar no mesmo rio de lama que haviam lhe colocado, como uma tentativa de reverter a sua situação:

Quem eles queriam que eu denunciasse? Atenção! Eu não ia me contentar com denunciar as infelizes que caminhavam comigo na lama. Eu ia bater forte. Ia bater na cabeça. E eis que na extrema miséria em que me encontrava, o sentimento do meu poder me embriagava! Ah, sim, o meu John Índio tinha razão. Aquela vingança, com a qual eu tinha freqüentemente sonhado, me pertencia, e pela vontade deles próprios! (CONDÉ, p. 125)

Na verdade, Tituba sente-se fortalecida pelas palavras de John Índio e pela visão que teve de da mulher que a criara, Man-Yaya:

Não se aflija, Tituba! Você sabe, o azar é irmão gêmeo do negro! Nasce com ele, deita-se com ele, disputa com ele o seio murcho. Come o peixe da sua cuia. No entanto, ele resiste. O negro! E aqueles que querem vê-lo desaparecer da superfície da terra pagarão caro. De todos, você será a única a sobreviver! (CONDÉ, p. 115)

Tituba confessa, é condenada e, assim como a escrava da peça de Miller e a personagem histórica, vai presa. Entretanto, seu destino é diferente de suas outras Titubas. A Tituba de Condé volta a Barbados e se vê envolvida em conflitos em prol da liberdade. Vê-se como figura histórica idolatrada pelo seu povo e passa por outros tantos dissabores antes de sua morte.

Quando retoma os fatos históricos e a narrativa de Arthur Miller, Condé estabelece uma interação entre as personagens apresentadas, revelando, em seus diálogos, uma série de críticas severas ao comportamento social da época no tocante à condição feminina e, ainda mais importante e abrangente, questiona os ‘silêncios’ e a ‘submissão’, o ‘poder’ e o ‘fazer’ inexoravelmente presentes na condição a mulher sob diferentes pontos de vista, além de questionar o que realmente representaria ser uma ‘feiticeira’ em uma sociedade que de tão conservadora, revelava-se, em verdade, hipócrita em demasia.

Desta forma, a releitura da peça de Miller apresentada no romance de Condé apresenta a possibilidade de discussão entre as dicotomias estória / história, verdade / exclusão, colonizador / colonizado, civilização / selvageria, racismo / sexismo, dominação / submissão, centro / periferia, exílio / alienação, tempo / espaço, realidade / ficção ou, como Linda Hutcheon (1991) assim denota, uma ‘*metaficção historiográfica*’. Quando expõe as formas pelas quais tal ficção é produzida, Hutcheon chama a atenção do leitor para o *status* do romance como uma espécie de artefato e não como uma reprodução relativamente fiel da realidade. Assim, essa consciência pessoal da narrativa revela o fato de que a literatura não reflete nenhuma realidade de maneira inocente, pelo contrário, cria ou denota uma realidade, e, ao fazê-lo, a torna significativa.

A idéia da consciência pessoal da narrativa que denota diversas realidades significativas, em si, já traz um conceito de duplicidade, abrindo o caminho para mais uma perspectiva de análise através da personagem Tituba, que no romance de Condé assumiu um posto diferente, o de dona de sua própria voz e, por isso, responsável pelo seu destino. A referência à duplicidade surge a partir das inúmeras imagens que podem ser destacadas da personagem: Tituba como mulher, negra, escrava, sem voz social, mas dotada de voz na narrativa pós-colonial de Condé, conhecedora de ervas e sortilégios e, porque não dizer, feiticeira.

O que realmente fica claro no texto de Condé é a postura de desmistificação da figura da feiticeira representada por Tituba. De início, a personagem não tinha consciência de si mesma, nem entendia como e porque as pessoas se distanciavam dela – fora renegada pela mãe, adotada por Yao, escravo que se casou com sua mãe e as aproximou, logo perdeu a mãe que efetivamente nunca fora sua por completo e, em seguida, perde seu protetor, Yao. Passa a ser criada por Man-Yaya, senhora conhecedora dos mistérios da natureza viva e espiritual, que lhe ensina tudo o que sabe e transforma-se em sua mentora, depois de sua morte – Man-Yaya continuou como presença viva na realidade de Tituba, como se fosse uma espécie de guia de suas ações e conforto nos momentos de desespero. A ligação dessas duas personagens retoma o que disse Otto Rank, em *O Duplo* (1936), no sentido de que “como geralmente acontece com os temas populares da literatura, suas raízes [estão] no passado remoto, aparecendo no folclore, nas superstições e em antigos costumes religiosos.”(p.7) Fica claro para o leitor do romance de Condé que todas as menções à idéia de Tituba vista como feiticeira estão relacionadas ao seu conhecimento sobre ervas e conversas com os mortos que, segundo ela, habitavam o mundo dos vivos – entretanto, tal conhecimento de nada servia na comunidade puritana que a escrava habitava, ao contrário, eram prova de que ela conjurava com o demônio – era como se ela, Tituba, representasse duas figuras em apenas uma: a escrava, subserviente e a feiticeira, poderosa e maligna – eis o enigma da identidade citado por Pierre Brunel (2000), quando diz que “O encontro com o duplo mágico é sempre fonte de angústia para quem é assim confrontado com o enigma da identidade (...)”. (p. 266)

Ainda segundo Rank, as catástrofes, em geral, tanto na história quanto na literatura, parecem ser provocadas por mulheres, sedentas de vingança ou reconhecimento ou em busca de aventuras amorosas. A Tituba de Condé não escapa a essa afirmação, pois é considerada feiticeira e, na tenta-

tiva de ser absolvida, de início promove acusações a outras pessoas que teriam relações com o demônio e somente chega a esta realidade por escolha própria, pois optou pela vida de escarvidão para poder ficar ao lado de John Índio, o homem a quem amava, mas que em nenhum momento lutou por sua liberdade ou integridade perante os puritanos ávidos por punir quem quer que ameaçasse suas raízes e crenças. Nessa perspectiva, Rank acrescenta:

O duplo, que era o anjo da guarda do homem, e protetor de sua imortalidade, transformou-se na consciência perseguidora e atormentadora do homem, personificada pelo Demônio, tornando-se o derivativo religioso do temor da morte, neutralizado antes pelo Duplo. A princípio o Duplo é a própria personalidade (sombra, reflexo), assegurando sobrevivência futura; mais tarde representa uma Personalidade anterior, conservando, juntamente com o passado, a juventude do indivíduo; finalmente, o Duplo se torna uma Personalidade oposta, que aparecendo sob a forma do mal, representa a parte mortal, destacada da personalidade existente e que a repudia. (1936, p. 110)

Em *Magic in the Roman World* (2001), Naomi Janowitz relaciona o trabalho primitivo às primeiras noções de magia, indicando que desde cedo indicar alguém como mágico ou feiticeiro poderia incitar sérias conseqüências, como em “(...) to call someone a 'magician' (...) was to mount a potentially damaging attack. (...) The terms we translate as 'magic' and 'magicians' were associated with human sacrifices, perverse sexual practices and all sorts of antisocial (...) activities.” (p. 1)<sup>2</sup> E acrescenta:

Charges of magic reveal social tensions, internecine battles, competition for power, and fear that other people have special powers. Charges of witchcraft represented socially acceptable modes of attack against political enemies when other modes of asserting rivalry were not an option. (pp. 1-2)<sup>3</sup>

A personagem Tituba apresenta ambas possibilidades, pois representava perigo por conhecer as 'artes ocultas' e por ser julgada feiticeira, mesmo que socialmente injustiçada. É possível notar, por meio dessa personagem, que a questão da magia sempre esteve, de alguma forma, voltada à sua forma de enxergar a religião, assim como afirma Janowitz, quando diz que tanto magia quanto religião sempre estiveram intimamente relacionadas, considerando Moisés e até mesmo Jesus como magos, comprovando tal possibilidade pela origem do termo “mágica”, que engloba ironia e imaginação: do grego, *mageia* e do latim, *magia*, ambas palavras derivando do termo persa, *magos*, que significa sacerdote.

Se é fato que magia e religião estão intimamente relacionadas, fica clara a compreensão da personagem Tituba como uma espécie de sacerdotisa e seus conhecimentos seriam os mesmos de uma sacerdotisa que poderia ter vivido em qualquer época da história da humanidade. A grande questão é que, historicamente, sua realidade pessoal impedia que tudo fosse tão simples assim: como mulher, negra e escrava, Tituba não teria direito a nenhum lugar de destaque, sequer um lugar comum na sociedade. Citando, novamente, Janowitz: “No matter where we look in the history of accusations of magic and witchcraft, women are over-represented.”<sup>4</sup>(2001, p. 86) e “‘Witch’ was

---

2 “(...) chamar alguém de 'mago' (...) era propor um ataque potencialmente perigoso. (...) Os termos que traduzimos como 'mágica' e 'mago' eram associados a sacrifícios humanos, práticas sexuais perversas e todos os tipos de atividades anti-sociais.” (tradução nossa)

3 “Acusações de magia revelam tensões sociais, batalhas mortais, competições pelo poder e temor que outras pessoas tenham poderes especiais. Acusações de bruxaria representavam modos socialmente aceitáveis de atacar inimigos políticos quando outras formas de declarar rivalidade não constituíam uma opção.” (tradução nossa)

4 “Não importa onde busquemos na história acusações sobre magia e feitiçaria, as mulheres estão sempre intensamente representadas” (tradução nossa)

not a term of self-identification (...). It was a term of fantasy used in imaginative and usually hostile depictions of women.”<sup>5</sup> (id., p. 98)

Retomando a idéia de que é possível perceber a figura da feiticeira como um duplo, como uma releitura intertextual das questões mitológicas, com quais dessas figuras da mitologia a personagem Tituba (e suas companhias) manteria relações? Inicialmente, Tituba viria de um povo similar aos hiperbóreos, considerando-se a busca pela liberdade e auto-suficiência descritas no final do romance de Condé, por meio das batalhas das quais Tituba também tomou parte. Segundo Bulfinch,

A parte setentrional da terra era supostamente habitada por uma raça feliz, chamada hiperbóreos, que desfrutava uma primavera eterna e uma felicidade perene, por trás das gigantescas montanhas, cujas cavernas lançavam as cortantes lufadas do vento norte, que faziam tremer de frio os habitantes da Hélade (Grécia). Aquele país era inacessível por terra ou pro mar. Sua gente vivia livre da velhice, do trabalho e da guerra. (1999, p. 8)

Na verdade, o leitor acaba por perceber que o que Tituba considerava como sua terra natal, seu sonho, não era efetivamente a Barbados para a qual ela retornou, mas a Barbados de seus antepassados, imortalizada por eles, e para onde Tituba é transportada após a sua morte.

Outras figuras com as quais parece possível manter relações seriam: Minerva, a deusa da sabedoria, que seria representada por Man-Yaya, a mentora de Tituba; Ceres, a deusa da agricultura, que inspiraria tanto a figura de Man-Yaya quanto a de Tituba, ambas profundas conhecedoras do que a terra poderia oferecer-lhes para a cura de todos os males. Man-Yaya também pode ser identificada com os Lares, os deuses da família, espíritos deificados pelos mortais, as almas de seus antepassados. (BULFINCH, 1999, p. 17)

Do ponto de vista dos puritanos, da comunidade de Salem, Tituba poderia ser vista como Pandora, aquela que espalhou todos os males pela humanidade ao abrir a caixa proibida dada como presente a Epimeteu por Júpiter, como vingança pela traição de Prometeu. Pandora é a figura da mulher curiosa, mas também dotada de perigo, exatamente como Tituba que, por curiosidade e paixão, abandonou sua vida solitária para viver junto de John Índio e, por conta de sua realidade e de seus conhecimentos espirituais, de acordo com a comunidade em que vivia, teria espalhado ali os males provenientes de seu suposto relacionamento com as forças ocultas.

Como feiticeira, Tituba poderia ser comparada a Circe, feiticeira conhecedora do poder das ervas e também a Medéia, poderosa feiticeira, que mantinha relações com Hécate, a deusa dos mortos e Télus, a deusa da Terra – Tituba, na verdade, seria uma somatória de todas essas figuras, reunindo seus poderes reais e seus conhecimentos do oculto. Entretanto, mesmo portadora de todas essas semelhanças com as divindades mitológicas, o destino de Tituba não permitiu que ela usufrísse de sua sabedoria como forma de escapar de seus problemas – pelo contrário: a personagem acreditava que era necessário passar por todos os martírios para que pudesse ser 'purificada', caso viesse a retornar a Barbados.

Talvez a figura mitológica que mereça maior destaque e com a qual Tituba mantém muitas semelhanças seja realmente Medéia e, como ela, sofreu por ser conhecedora de forças sobrenaturais, sofreu pela paixão e pela dor da perda, como cita Janowitz:

Medea, while not directly called a witch in the early texts, is involved in all sorts of antisocial and destructive actions which make it clear that women with supernatural powers are active threats to everyone in their sphere. She effected her goals by illicit and suspect means, but she is presented in such a way as to make her path seem to be the natural one of women. She is a full-blown fantasy of femininity

---

5 “'Bruxa' não era um termo de auto-identificação (...). Era um termo fantasioso usado em descrições imaginativas e geralmente hostis com relação às mulheres.” (tradução nossa)

gone wrong. Hostile, vindictive, dangerous, she kills her brother, poisons members of the royal family, and murders her own children. (2001, p. 89)<sup>6</sup>

De forma generalizada, é possível concluir que em muitos momentos históricos, as mulheres são descritas como uma maldição, sendo essencialmente falsas. Assim, tais imagens hostis relacionadas à mulher acabam sendo uma forma de representação exagerada, dominada pelo mistério que o sexo feminino ainda exerce na humanidade.

## **Referências Bibliográficas**

- ASHSCROFT, B. & GRIFFITHS, G & TIFFIN, H. *The Empire Writes Back*. London and New York: Routledge, 1991.
- BELLINGHAM, David. *Introdução à mitologia grega*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.
- BERND, Zilá. *Escrituras Híbridas: Estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRG, 1998.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia. (A idade da fábula) Histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BOEHMER, Elleke. *Colonial and Postcolonial Literature*. New York: Oxford University Press, 1995.
- CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GRASSINGER, Dagmar (et al). (orgs.) *Deuses gregos: Coleção do Museu Pergamon de Berlim*. São Paulo: FAAP, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HANCIAU, Núbia. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World. Pagans, Jews and Christians*. London: Routledge, 2001.
- MILLER, Arthur. *As Bruxas de Salem*. Porto: Editorial Presença, 1961.
- RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1936.
- Revista *História Viva*, edição de setembro de 2006.
- ZACHARAKIS, Georges. *Mitologia grega. Genealogia das suas dinastias*. Campinas: Papirus, 1995.

---

6 “Medéia, indiretamente chamada de bruxa nos textos antigos, está envolvida em todas as formas de ações antisociais e destrutivas que tornam claro o fato de que mulheres com poderes sobrenaturais são ameaças ativas para qualquer um de suas relações. Ela atingiu seus objetivos por meios ilícitos e suspeitos, mas é apresentada de tal forma a mostrar sua trajetória como a trajetória natural de qualquer mulher. Ela é uma fantasia excessiva de feminilidade empregada de forma equivocada, Hostile, vingativa, perigosa, ela mata seu irmão, envenena membros da família real e assassina seus próprios filhos.” (tradução nossa)